

A Série Ceppac é editada pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC) desde 2006. Visa a divulgação de artigos, ensaios e dados de pesquisa nas Ciências Sociais na qualidade de textos de trabalho que estejam em diálogo ou sejam resultado das linhas de pesquisa do CEPPAC. A Série Ceppac incentiva e autoriza sua republicação.

Série Ceppac is edited by the Graduate Center for the Comparative Research on the Americas (CEPPAC) since 2006. Its purpose is to disseminate articles, essays and research data as working papers connected to the lines of investigation of CEPPAC. Série Ceppac encourages and authorizes its republication.

#### RREFERÊNCIA

NEGRI, C. O desenho de pesquisa comparativo em Ciências Sociais: reflexões sobre as escolhas empíricas. **Série CEPPAC**, v. 35, p. 1-19, 2011. Disponível em: <  
[http://www.ceppac.unb.br/images/ics/S%C3%A9rie\\_Ceppac/035\\_negri\\_camilo\\_2011\\_3.pdf](http://www.ceppac.unb.br/images/ics/S%C3%A9rie_Ceppac/035_negri_camilo_2011_3.pdf)>.  
Acesso em: 8 dez. 2014.

**SÉRIE CEPPAC**

ISSN Formato Eletrônico 19822693

**035**

**O desenho de pesquisa comparativo em Ciências Sociais: reflexões  
sobre as escolhas empíricas**

Camilo Negri

Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas

Brasília  
2011

**Reitor da UnB:** José Geraldo de Sousa Júnior  
**Diretor do ICS:** Gustavo Lins Ribeiro  
**Diretor do CEPPAC:** Cristhian Teófilo da Silva  
**Editor da Série Ceppac:** Camilo Negri

A Série Ceppac é editada pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC) desde 2006. Visa a divulgação de artigos, ensaios e dados de pesquisa nas Ciências Sociais na qualidade de textos de trabalho que estejam em diálogo ou sejam resultado das linhas de pesquisa do CEPPAC. A Série Ceppac incentiva e autoriza sua republicação.

ISSN formato eletrônico 19822693

Série Ceppac, n. 035, Brasília: CEPPAC/UnB, 2011.

Série Ceppac is edited by the Graduate Center for the Comparative Research on the Americas (CEPPAC) since 2006. Its purpose is to disseminate articles, essays and research data as working papers connected to the lines of investigation of CEPPAC. Série Ceppac encourages and authorizes its republication.

ISSN electronic format 19822693

Série Ceppac, n. 035, Brasília: CEPPAC/UnB, 2011.

# O desenho de pesquisa comparativo em Ciências Sociais: reflexões sobre as escolhas empíricas

*Camilo Negri\**

## 1. Apresentação

O presente texto tem por objetivo elucidar algumas possibilidades da abordagem comparativa em Ciências Sociais, especificamente no que tange a sua dimensão empírica. Recorre-se, basicamente, à análise da literatura referente à utilização da comparação metódica, buscando descrever e sistematizar as alternativas de composição empírica possibilitadas pelo desenho de pesquisa comparativo.

A sistematização das possibilidades de arranjo empírico comparativo pode facilitar as opções que se seguem à delimitação teórica, construção de objeto e formulação de problema de pesquisa. Na pesquisa comparativa, porém, muitas vezes a definição dos casos ou sistemas pertinentes aos objetivos do estudo antecede ou é concomitante à definição do marco analítico (RAGIN, 1987). Assim, dada essa particularidade do desenho de pesquisa comparativo, o texto está centrado na importância das escolhas empíricas para o desenvolvimento da comparação.

A primeira escolha aqui tratada se refere a comparação por semelhanças ou a comparação por contrastes. Embora comparações exijam a justaposição de semelhanças e diferenças, é possível orientar o desenho de pesquisa pela escolha dos casos por proximidade ou distância em relação às suas características sensíveis. Neste sentido, o texto apresenta uma tipologia de quatro tipos de comparação, dispostas em uma matriz que busca sintetizar conjuntamente as dimensões diacrônica x sincrônica e intra x trans-sistêmica. Por fim, é destacada a importância da atenção na escolha da quantidade de casos comparados e da abrangência cronológica da comparação. O objetivo de principal é reconhecer que as vantagens analíticas da comparação - seja ela com objetivos de

---

\* Professor do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação Sobre as Américas. E-mail: camilo@unb.br. Agradeço a contribuição dos colegas do CEPPAC, professores Sonia Ranincheski e Henrique Carlos de Oliveira de Castro.

generalização empírica ou teórica ou de análise da singularidade de determinado caso - perpassam um desenho de pesquisa atento à melhor disposição dessas dimensões.

## **2. Comentário sobre a comparação nas Ciências Sociais**

As Ciências Sociais possuem na comparação uma de suas principais estratégias metodológicas. Duverger (1962, p.305) reforça a importância da comparação ao afirmar que “não se procuram primeiro os fatos, para em seguida aproximá-los por comparação e, enfim, sistematizar os resultados obtidos. Comparação e sistematização são indispensáveis desde o princípio: toda pesquisa sobre elas está baseada”. Assim, segundo o autor, esta metodologia constitui uma das bases fundamentais de todo o trabalho de investigação em Ciências Sociais.

Deve-se distinguir, porém, a comparação de forma “não consciente”, que acaba naturalizada na maneira com que o cientista social olha para o seu objeto quando busca sistematizar as suas diferentes manifestações e realizar suas primeiras categorizações ou quando o analisa em contraste com a literatura existente, por exemplo, daquela feita propositalmente, ou seja, daquela domesticada através de um desenho de pesquisa consciente e metodicamente orientado.

Não se trata, contudo, de restituir antigas oposições entre as tradições romântica e positivista, mas de reconhecer que a pesquisa comparativa permite obter resultados ainda mais frutíferos pela conjugação entre os momentos metódico e não-metódico, utilizando a expressão de Cardoso de Oliveira (2006). A pesquisa comparativa, diferente das abordagens quantitativa e qualitativa, especialmente quando busca aproximar sociedades muito distintas, não deve prescindir dos dois momentos cognitivos. Mesmo quando o caráter predominante da pesquisa é a explicação causal, compreender a diversidade intrínseca à singularidade das sociedades comparadas auxilia a formulação de hipóteses válidas para ambas as realidades. Por outro lado, estudos centrados na interpretação podem fazer uso da metodologia comparativa para organizar e dispor adequadamente os dados e assim, facilitar a comparação e obter resultados mais complexos.

Tanto Durkheim quanto Weber, fundadores das duas tradições antagônicas, consideravam a eminência da comparação nas Ciências Sociais. Ambos os autores produziram trabalhos exemplares fazendo usos distintos da comparação. O primeiro ressalta, em "As Regras do Método Sociológico", que a comparação compõe a forma de conhecer da Sociologia, pois permite categorizar os dados empíricos por suas semelhanças e diferenças, tal qual um taxionomista, e analisá-los adequadamente perante o reconhecimento dos seus padrões de ocorrência. O autor faz uso profícuo desta abordagem em suas obras, da qual "O Suicídio" talvez seja a de caráter mais exemplar. Weber, por outro lado, desloca a comparação da dimensão empírico indutiva, utilizando-a como instrumento analítico, por meio do tipo puro ideal.

Outros autores fundamentais das Ciências Sociais também utilizaram a comparação como estratégia de análise. Embora metodologicamente menos rigoroso, tanto em "A Democracia na América", quanto em "O Antigo Regime e a Revolução Francesa", Alexis de Tocqueville faz uso profícuo desta abordagem (SMELSER, 1973). Na literatura sociológica não é tão consensual apontar Marx como um comparativista, como é no caso de Tocqueville; como aponta Warner (1973), porém, a problematização histórica dos modos de produção realizada possui uma dinâmica comparativa.

Segundo Ragin (1987), a comparação é a estratégia de pesquisa mais adequada a contemplar a diversidade dos fenômenos que caracterizam as Ciências Sociais. Ainda conforme o autor, outra característica relevante para compreender o seu uso nas Ciências Sociais se refere à especificidade do desenho de pesquisa comparativo, já que este permite uma aproximação simultânea do pesquisador tanto da dimensão empírica quanto da teórica. Na maioria das vezes, o investigador inicia a pesquisa com alguma idéia sobre os casos a serem comparados e pode, no transcorrer da pesquisa, rever seus marcos teóricos. Assim, na medida em que reconhece melhor os aspectos significativos dos casos comparados acaba por refinar as categorias de análise.

### **3. Comparação por semelhanças ou por contrastes**

Como foi dito anteriormente, a comparação é aberta à utilização concomitante dos momentos metódico e não-metódico, entretanto, sua realização “consciente”, pode apresentar dois objetivos principais. O primeiro centrado prioritariamente na generalização e o segundo vinculado à compreensão do outro.

A comparação no primeiro sentido “é um método de controle das generalizações, previsões ou leis do tipo ‘se... então...’” (SARTORI, 1997, p.203). É uma abordagem que permite testar conceitos, sua aplicabilidade e até mesmo sua validade para realidades distintas, ao mesmo tempo, evidenciar generalizações, fortalecer afirmações e confirmar explicações sobre determinado fenômeno. Desta maneira, a comparação é um método que permite uma maior confiabilidade e um refinamento da explicação.

No segundo sentido, a comparação é uma forma de compreensão, posto que “a outro-compreensão é sempre, de certo modo, comparativa” (TAYLOR, 2000 p.166), ou seja, a comparação é uma estratégia que permite superar o etnocentrismo<sup>1</sup> que conforme Thrupp (1970) é um dos principais problemas a que a comparação está sujeita e do qual a própria comparação, e talvez somente ela, pode suplantar. A comparação nesse sentido vincula-se a compreensão, porém, é realizada de forma consciente, principalmente no trabalho do antropólogo.

Além do etnocentrismo, segundo Thrupp (1970), outros dois principais problemas que a comparação está sujeita são o *present-mindedness* e a desigualdade entre os dados produzidos entre os sistemas comparados. O terceiro problema, objetivamente, é o mais limitador para a elaboração do desenho de pesquisa. Para Duverger (1962, p.308) há ainda outro problema, uma vez que o “perigo do método comparativo é fazer comparações artificiais, repousando em uma deformação dos objetos confrontados”.

Embora os estudos preocupados com a *auto-compreensão* pela *outro-compreensão* (TAYLOR, 2000) tendam a comparar casos diferentes entre si e os estudos preocupados em realizar generalizações tendam a comparar casos mais semelhantes entre si, as diferenças e semelhanças se encontram no âmbito empírico e estão sempre acompanhadas uma da outra. A comparação é um exercício de seleção e justaposição de semelhanças e contrastes pelo confronto entre os casos analisados.

---

<sup>1</sup> Taylor (2000, p.166) afirma se tratar de um “modelo do procedimento para, em princípio, se poder superar o etnocentrismo”.

Por isso, afirma Ragin (1987, p.177), “la especificidad del enfoque comparativo es más evidente en aquellos estudios que se concentran en la diversidad” de manifestações existentes de um mesmo fenômeno.

Segundo Duverger (1962, p.308), a comparação supõe analisar “ao mesmo tempo, a existência de semelhanças e diferenças: não se comparam duas coisas absolutamente idênticas, nem duas coisas inteiramente diferentes. A comparação requer uma certa analogia entre as coisas comparadas”. Para o autor a escolha dos casos a serem comparados se baseia na distinção entre comparações próximas e comparações afastadas.

As comparações próximas se dão quando “os contextos dos objetos comparados são tão semelhantes quanto possível, por suas dimensões, bases culturais, significações” (DUVERGER, 1962, p. 314). Nesse sentido, o “seu objetivo principal é a procura das diferenças, pois, por sua própria definição, ela age num campo onde as semelhanças são tão grandes quanto possível” (Idem). Conforme o autor, as comparações próximas são,

mais rápidas e mais superficiais, podem servir para formular hipóteses e, sobretudo, formar uma tipologia. Sob esse último ponto de vista, poder-se-ia, talvez, distinguir as comparações estreitas e as comparações amplas, correspondendo, as primeiras, à verificação das hipóteses; as segundas à formulação das hipóteses e ao estabelecimento de uma tipologia. (Idem, ibidem, p.315).

Para Duverger, as comparações afastadas estão ligadas à invenção científica, portanto, são mais raras. Violam as regras do método comparativo descritas pelo autor e, por isso, fogem ao controle metódico. Elas supõem criatividade e engenhosidade do pesquisador, não dependem, necessariamente, do método e sim do conhecimento e da erudição que permitem aproximar casos aparentemente muito diferentes. Segundo o autor, nas comparações deste tipo “confrontam-se tipos de estruturas diferentes, aproximam instituições originárias de contextos culturais ou dimensionais diferentes, cujas significações precisas são diferentes” (Idem). Nesse quadro de distanciamento e diferenças marcantes o pesquisador procura por semelhanças pretendendo encontrar as suas significações.

Para Przeworski e Teune (1970, p.35), no entanto, é possível realizar pesquisas baseadas tanto em sistemas muito similares quanto em sistemas muito distintos por meio de desenhos de pesquisa específicos. Em ambos os casos, os objetivos não diferem de forma acentuada. Para os autores “ambas as estratégias podem resultar na confirmação das

definições teóricas e ambas podem combinar níveis de análise intra e trans-sistêmicos”<sup>2</sup>. No caso de comparações entre sistemas semelhantes, em que “a quantidade de características comuns procuradas é grande e a quantidade de características não-compartilhadas procuradas é mínima”<sup>3</sup> (Idem, ibidem, p.33), as “características sistêmicas comuns são concebidas como variáveis de controle enquanto as diferenças inter-sistêmicas são vistas como variáveis explicativas”<sup>4</sup> (Idem).

A comparação baseada em sistemas muito diferentes, por sua vez, tem como base “a variação do comportamento observado em um nível abaixo do sistema. Mais frequentemente isto será o nível dos atores individuais, mas pode ser no nível de grupos, comunidades locais, classes sociais ou ocupações”<sup>5</sup> (Idem, ibidem, p.34). Assim como na comparação entre sistemas semelhantes, o nível sistêmico é secundário para a análise. A busca por semelhanças sistêmicas, nas comparações por similitudes, leva a desconsiderá-las para a explicação do fenômeno. Quando a comparação se baseia nas diferenças entre indivíduos de uma mesma população, a explicação não se encontra no nível sistêmico, mesmo quando a comparação ocorre entre sistemas diferentes. Conforme Przeworski e Teune, somente quando as variáveis intra-sistêmicas são descartadas é que o nível trans-sistêmico deve ser considerado como fator explicativo do fenômeno estudado.

O caminho analítico nas comparações por semelhança é a busca por diferenças significativas que possam explicar o fenômeno estudado partindo do nível trans-sistêmico ou do sistema e chegando ao intra-sistêmico. No caso das comparações por contraste o caminho consiste em encontrar quais as semelhanças que explicam o fenômeno, partindo do nível intra-sistêmico e chegando ao do sistema ou ao trans-sistêmico.

### ***3. As dimensões entre os elementos comparados***

---

<sup>2</sup> No original: “both strategies can result in the confirmation of theoretical statements and both can combine intrasystemic and intersystemic levels of analysis” (PRZEWORSKI & TEUNE, 1970, p.35).

<sup>3</sup> No original: “the number of common characteristics sought is maximal and the number of not shared characteristics sought, minimal” (PRZEWORSKI & TEUNE, 1970, p.33).

<sup>4</sup> No original: “common systemic characteristics are conceived of as ‘controlled for’ whereas intersystemic differences are viewed as explanatory variables” (PRZEWORSKI & TEUNE, 1970, p. 33).

<sup>5</sup> No original: “the variation of the observed behavior at a level lower than that of systems. Most often this will be the level of individual actors, but it can be the level of groups, local communities, social classes, or occupations”(PRZEWORSKI & TEUNE, 1970, p.34)

Definidas as duas possibilidades de arranjo comparativo – o que valoriza as similitudes e o que valoriza os contrastes – é fundamental destacar a distinção entre duas dimensões em que devem se situar os fenômenos empíricos comparados. A primeira dimensão é temporal: a comparação pode se realizar de forma diacrônica ou sincrônica, ou seja, ela pode ter por fundamento o contraste de períodos históricos ou estar situada em um único e determinado contexto histórico. A segunda dimensão se refere à característica intra ou trans-sistêmica da comparação: a comparação pode ser realizada entre dois ou mais sistemas (sociedades, culturas etc.), sendo, portanto, trans-sistêmica, ou entre as características de um fenômeno dentro de um único sistema, sendo, portanto, intra-sistêmica.

A matriz abaixo pode ser considerada uma primeira aproximação para definir a relação entre essas estratégias de comparação:

### 1. Dimensões da comparação

	Intra-sistêmico	Trans-sistêmico
Sincrônico	I. Comparação simples (micro) micro-historical	II. Comparação cross-nation/cultural, world-systemic,
Diacrônico	III. Comparação histórica, diacrônica	IV. Comparação transversal, world historical, macro-histórico

Fonte: Elaboração própria

A primeira célula, portanto, é composta por estudos de caráter intra-sistêmico em um mesmo período histórico, que podem ser denominados como comparações de dimensão micro-analítica. A segunda célula possui caráter trans-sistêmico em um só período histórico, próprio dos estudos *cross-nation* ou *cross-cultural*, que atingem uma dimensão macro-analítica. A terceira célula é ocupada por estudos intra-sistêmicos em dois ou mais momentos históricos, é utilizada em comparações históricas por excelência ou, em comparações diacrônicas<sup>6</sup>. Por último, na quarta célula, a comparação transversal, em que se comparam sistemas e momentos históricos diferentes simultaneamente.

<sup>6</sup> A necessidade de distinção entre comparações históricas por excelência e comparações diacrônicas se dá muito mais pela característica do objeto de estudo e da disciplina em que se está vinculado, do que propriamente pelo método empregado. Em comparações históricas a variável “período histórico” é reconhecida como central na explicação do fenômeno estudado. Em comparações diacrônicas os

Essas dimensões também estão ligadas à opção entre a comparação por contrastes ou similitudes. A comparação cross-cultural é, pelas suas características, a comparação propícia para a *auto-compreensão* pela *outro-compreensão*, que também pode ocorrer em estudos diacrônicos. Para Duverger (1962), a comparação pelas semelhanças (comparação próxima) se daria, principalmente, em estudos comparativos simples e históricos (em curto período de tempo). A comparação por contraste (comparação afastada), para o autor, seria localizada, primordialmente, em estudos *cross-nations* e em estudos de longo período histórico. Já para Przeworski e Teune (1970), os estudos baseados em contrastes devem partir da análise micro, uma vez que a quantidade de variáveis no nível macro é muito grande. Assim, para os autores, esse tipo de comparação deve, partindo do micro, atingir o macro somente se as hipóteses explicativas centradas na atuação dos atores individuais não forem suficientes para explicar o fenômeno.

A decisão sobre as determinações de tempo e espaço se reflete também na quantificação desses elementos. Além das dimensões é necessário considerar o período de tempo e a quantidade de casos a serem comparados. Segundo Ragin,

los investigadores que usan el método comparativo examinan patrones de parecidos y diferencias entre un número moderado de casos. El típico estudio comparativo incluiría cualquier número entre unos pocos casos y cincuenta o más. El número de casos se limita porque una de las preocupaciones de la investigación comparativa es llegar a familiarizarse con cada caso incluido en el estudio. (1987, p.177).

Para Morlino (1994), o número de sistemas comparados é fundamental para a qualidade da resposta procurada. Para o autor, “dizer quantos e quais casos desejamos incluir na pesquisa, ou seja, determinar a dimensão horizontal da comparação (o espaço), dá lugar a decisões e passos ulteriores”<sup>7</sup> (Idem, *ibidem*, p.19).

Conforme o autor, em relação à quantidade de casos, a recomendação daqueles que aproximam a lógica comparativa à lógica estatística é aumentar os casos comparados para um maior controle das hipóteses e para torná-las mais precisas. Por outro lado, àqueles que acreditam em uma lógica comparativa singular, não concordam com a postura de que a

---

períodos históricos diferentes não implicam de antemão o reconhecimento de sua importância para a explicação do fenômeno.

<sup>7</sup> No original: “decir cuántos y cuáles casos deseamos incluir en la investigación, es decir, determinar la dimensión horizontal de la comparación (el espacio), da lugar a decisiones y pasos ulteriores” (MORLINO, 1994, p. 19).

maior variação pode explicar “de modo mais sólido e rigoroso as relações causais”<sup>8</sup> (Idem, *ibidem*). De qualquer forma, alerta Morlino, elevar o número de casos comparados pode aumentar demasiadamente o número de variáveis, o que se apresenta como um problema para o pesquisador, pois, o número de variáveis pode ir além do necessário ou sobrepujar a capacidade de análise.

Sob outra perspectiva é possível afirmar que, geralmente, nos estudos comparativos “o pesquisador trabalha com um pequeno número de casos e um grande número de variáveis” (SCHNEIDER e SCHIMITT, 1998, p.84), como consequência dessa opção, o pesquisador tem “uma série de dificuldades no que diz respeito ao controle das hipóteses” (Idem, *ibidem*, p.84). Por outro lado, quando o pesquisador opta por aumentar o número de casos comparados pode ocorrer o “estiramento conceitual”, na medida em que os significados relacionados ao conceito original, não se adaptam aos novos casos” (Idem, *ibidem*, p.85).

Conforme Schneider e Schimitt (*ibidem*, p.84), um possível solução para as dificuldades advindas da opção pelo número de casos e a quantidade das variáveis é: “o aumento do número de casos, a aplicação de rigorosos critérios de seleção dos casos escolhidos e a redução do número de variáveis. Esta última opção tem, como contrapartida, uma maior focalização da perspectiva teórica do estudo em termos de sua precisão analítica”.

Outra dificuldade levantada por Morlino (1994) se refere às limitações de um estudo mais profundo quando a quantidade de casos é elevada. Coletar uma quantidade suficiente e equivalente de informações para cada sistema comparado é dispendioso e demorado, acarretando a necessidade de investimentos altos e a formação de equipes internacionais, difíceis de serem compostas e dirigidas adequadamente. Por outro lado, é possível também, conforme o autor, efetuar um estudo detido, de apenas um caso, comparando-o as hipóteses oferecidas pela literatura disponível.

Além disso, em relação ao número de casos comparados, existe a possibilidade apontada por Duverger, para quem é possível distinguir entre duas

grandes categorias de métodos comparativos clássicos. Um consiste em confrontar fenômenos análogos, estudados segundo a mesma técnica de análise, é ele que corresponde a noção corrente de comparação, no sentido restrito do

---

<sup>8</sup> No original: “de modo más sólido y riguroso las relaciones causales” (MORLINO, 1994, p. 19).

termo. Entretanto, podem-se também, aproximar ângulos diferentes do mesmo fenômeno, resultando, cada um, de técnicas de análises particulares. (1962, p. 308).

Assim, é possível realizar estudo comparativo analisando apenas um caso empírico, seja contrastando-o com a literatura científica existente, seja realizando uma comparação entre as teorias explicativas disponíveis, seja utilizando diferentes técnicas de pesquisa. Geralmente, a comparação com a literatura existente ocorre na maioria dos estudos, como forma de delimitar os objetivos da pesquisa, contudo, pode ser realizada exclusivamente, especialmente em estudos exploratórios. A comparação entre teorias disponíveis é propícia e necessária no trabalho interdisciplinar, contudo, não se restringe a este objetivo. E, por fim, a comparação por meio de diferentes técnicas de pesquisa permite um aprofundamento dos resultados da investigação, o que leva à conclusões mais verossímeis e, por isso, mais amplamente aceitas. Nesse sentido, estudos mais refinados, que utilizam este tipo de comparação, contrastam os resultados da produção e análise de dados por meio de técnicas qualitativas e quantitativas.

Em virtude da quantidade de casos comparados se pode ver, portanto, a existência de três alternativas para a comparação:

## 2. Quantidade de casos

Quantidade de casos	Possibilidades e dificuldades de cada estratégia	
1. Apenas um caso:	a) contraste com a literatura existente (estudos exploratórios); b) contraste entre teorias (perspectiva interdisciplinar); c) uso de técnicas de pesquisa diferentes (quali-quant).	singularidade → generalidade
2. Poucos casos (análise profunda, menos suscetível a generalizações):	a) menor quantidade de variáveis → menor poder de teste e certificação b) grande quantidade de variáveis → dificuldade no controle das hipóteses	
3. Muitos Casos (análise ampla, propícia para generalização):	a) menor quantidade de variáveis → dificuldade de controle/ focalização teórica b) grande quantidade de variáveis → dificuldade de controle das variáveis/ estiramento conceitual	

Fonte: Elaboração própria

Por fim, em relação à dimensão longitudinal, isto é, “a extensão do período que se quer considerar (o tempo)” (MORLINO, 1994, p.21), pode-se afirmar que,

a eleição do tempo significa, na realidade, eleger os casos em um momento dado ou incluir na análise diferentes momentos sucessivos. Na primeira hipótese se realiza uma comparação sincrônica, se optamos por considerar diferentes casos no mesmo momento; e comparação diacrônica quando decidimos analisar o mesmo caso em momentos diferentes e sucessivos (...) também se realiza comparação diacrônica quando se estudam diferentes casos em momentos diferentes. (Idem, ibidem, p.23).

Conforme Thrupp (1970, p.346), o termo diacrônico é emprestado da antropologia, “é claro e neutro, livre da mistura de associações que acompanham o adjetivo *histórico*”<sup>9</sup>.

A autora destaca quatro métodos de comparação diacrônica utilizados na Ciência Política:

(1) o método de selecionar grupos de sociedades ou sistemas políticos profundamente relacionados, com ênfase no estudo das variações concomitantes; (2) o método de comparar duas ou mais sociedades mostrando seus contrastes e semelhanças; (3) o método de trabalhar com tipologias polares de tradição e modernidade; (4) o método de construção de modelos interpretativos de dados quantitativos agregados<sup>10</sup> (1970, p.347).

A ordem em que estão apresentados, destaca a autora, é decorrente do grau de sensibilidade às diferenças culturais e às mudanças temporais mais relevantes entre os casos comparados.

Conforme Bourdieu (2004), a construção do objeto de pesquisa deve exigir o tipo de abordagem empírica a ser seguido. Para o autor, o objeto ‘real’ é pré-construído pela percepção, já o objeto da ciência é um sistema de relações construídas propositalmente pelo pesquisador (Idem, ibidem, p.46). Nesse sentido, a seleção da distância temporal entre os casos comparados deve respeitar os limites da teoria utilizada. Quanto mais distantes no tempo forem os casos, ou quanto mais extensa no tempo for a comparação, mais geral e abrangente deve ser a teoria; e, quanto mais próximos no tempo forem os casos, mais singular.

---

<sup>9</sup> No original: “it is neat and neutral, free of the mixed associations that attach to the adjective *historical*” (Thrupp, 1970, p.347).

<sup>10</sup> No original: “(1) the method of selecting closely related groups of societies or political systems, with emphasis on the study of concomitant variations; (2) the method of comparing two or more societies exhibiting sharp contrasts as well as similarities; (3) the method of working from polar typologies of traditionality and modernity; (4) the method of interpretative model-building out of quantitative aggregate data” (Thrupp, 1970, p.347).

## *Considerações finais*

O principal desafio comparativo não se encontra, necessariamente, no âmbito empírico da seleção dos casos a serem estudados. Deve-se estar atento à importância da concepção do objeto de pesquisa que envolve essas escolhas. Nesse sentido, seguindo as recomendações de Bourdieu (2004), a relação teoria – empiria deve ser linear para se obter o máximo da abordagem.

Como se destacou, entretanto, o método comparativo possui uma dinâmica singular, que permite outros arranjos entre teoria e empiria. Muito embora não prescindir de paradigmas para a formulação de quebra-cabeças de pesquisa (KUHN, 2009), a seleção de casos devido à diversidade de suas manifestações, por exemplo, constitui-se em um horizonte inicial para a posterior definição de marcos analíticos. Assim, o presente trabalho apresentou alguns cuidados referentes a configurações empíricas. Foram destacadas três dimensões de opções que compõem o trabalho comparativo e que estão interligadas diretamente.

A primeira dimensão empírica da comparação ‘consciente’ é a escolha da comparação por casos mais semelhantes ou por casos mais diferentes entre si. Essa escolha tende a se dar pela própria linha epistemológica do estudo, primeiramente representada pelo objetivo compreensivo ou explicativo do trabalho. Duverger (1962, p.320) ressalta, contudo, que o funcionamento da comparação necessita que se forme “um quadro das ‘semelhanças-diferenças’, o que constitui o essencial no método comparativo, em seu sentido estrito”. É no jogo entre semelhanças e diferenças, portanto, que se realiza a comparação.

A segunda dimensão se refere mais diretamente aos casos selecionados e às circunstâncias de comparação. As possibilidades ligadas diretamente às configurações empíricas comparáveis conforme a matriz apresentada durante o texto e composta pelos níveis de comparação temporal e geográfica (sincrônico e diacrônico; intra e trans-sistêmico).

A terceira dimensão remete à escolha da quantidade de casos e à extensão temporal do estudo, isso pois, a pesquisa comparada “visa analisar conjuntos e alargar o campo de visão” (DUVERGER, 1962, p.320).

O caminho comparativo deve ser seguido tendo em vista, em primeiro lugar, o objetivo nomológico ou idiográfico do estudo. Em decorrência disso, a formulação de um objeto de pesquisa irá privilegiar casos semelhantes ou contrastantes na realização da comparação. O primeiro, geralmente, mas não somente, buscará um maior número de casos para a comparação, seguindo uma tradição que visa formular ou utilizar teorias gerais e mais abrangentes. O segundo, por outro lado, tende a produzir ou utilizar teorias mais localizadas, comparando poucos casos. Em ambos os tipos de comparação o trabalho se pauta pela explicitação de semelhanças e diferenças, uma vez que não é possível comparar casos totalmente iguais ou totalmente diferentes.

A escolha dos casos a serem comparados deve ser baseada no problema de pesquisa. Mesmo em estudos comparativos que permitem, como lembra Ragin (1987), a reformulação teórica pela apropriação das imagens construídas na pesquisa de campo, somente o marco analítico pode definir quais atributos serão analisados, o que evita desperdiçar esforços estudando as características irrelevantes dos casos pesquisados. Mesmo que o interesse pelos casos ou sistemas a serem comparados por vezes preceda a definição teórica, nenhum caso pode ser considerado, *a priori* e isolado da teoria – somente por suas características sensíveis – como muito semelhante ou muito diferente.

Comparações sem as bases conceituais que as determinam podem se tornar superficiais e não aproveitam totalmente a potencialidade do método.

Por fim, destaca-se que o exercício de pesquisa comparativa lida com algumas dificuldades que, se não são exclusivas desta abordagem, podem ser consideradas particularmente decisivas para a sua viabilidade e para o seu melhor resultado. Algumas dificuldades são de ordem administrativa, como a apontada por Morlino (1994), que considera as grandes comparações trans-nacionais como um desafio tanto em termos de investimento financeiro quando de composição de equipes de pesquisa. Verba (1973), também em relação a este tipo de comparação, questiona a credibilidade da aplicação de *surveys* internacionais pela fragilidade na equivalência dos dados obtidos, o que pode ser considerada uma dificuldade estrutural da técnica que se amplia nas comparações trans-nacionais.

Por serem comuns a todos os tipos de comparação, o etnocentrismo, o *present-mindedness*, a desigualdade na produção de dados e a deformação dos objetos para a convergência do esquema de comparação merecem maior atenção.

Thrupp (1970) e Duverger (1962) apontam esses problemas mas não especificam sua solução. Destacam, porém, que a própria comparação, quando bem realizada, é a melhor forma de controle. Uma alternativa possível é considerar o uso da comparação "consciente" e da "não consciente", entendendo-os de forma análoga aos momentos metódico e não-metódico da pesquisa, como descritos por Cardoso de Oliveira (2006).

Desta forma, as duas versões da comparação se complementariam produzindo um controle crítico semelhante à vigilância epistemológica proposta por Bourdieu (2004), mas com sentido ligeiramente distinto. Por um lado, a compreensão interpretativa dos sentidos e contextos distintos e específicos de cada realidade comparada formaria um filtro para o etnocentrismo e *present-mindedness*. Por outro, o rigor metodológico evitaria a desigualdade e deformação dos dados.

### ***Referências Bibliográficas***

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude & PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de Sociólogo: Metodologia de Pesquisa na Sociologia*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2006.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

\_\_\_\_\_. *O Suicídio: Estudo de sociologia*. Lisboa: Presença, 1973.

KUHN, Thomas S., *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DUVERGER, Maurice. *Ciência Política: teoria e método*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

MORLINO, Leonardo. *Problemas y opciones en la comparación*. In MORLINO, Leonardo; SARTORI, Giovanni. *La comparación en las ciencias sociales*. Madri: Alianza Editorial, 1994.

PRZEWORSKI, Adam, TEUNE, H. *The Logic or Comparative Social Inquiry*. New York: John Wiley & Sons, 1970.

RAGIN, C. C. **La construcción de la investigación social:** Introducción a los métodos y su diversidad. Bogotá: Siglo del Hombre, 1987.

SARTORI, Giovanni. *A política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2<sup>a</sup> ed.,1997.

SCHNEIDER, Sérgio, SCHIMITT, Cláudia Job. *O uso do método comparativo nas Ciências Sociais*. Cadernos de Sociologia. Porto Alegre: , v.9, p.49 - 87, 1998.

SMELSER, Neil J.. *Alexis de Tocqueville as Comparative Analyst*. In: VALLIER, Ivan (ed.). *Comparative Methods in Sociology: essays on trends and applications*. Berkeley: University of California Press, 1973.

TAYLOR, Charles. *Argumentos filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2000.

THRUPP, Sylvia L.. *Diachronic methods in comparative politics*. In HOLT, Robert T., TURNER, John E. (Ed.). *The methodology of comparative research*. New York: the Free Press, 1970.

VERBA, Sidney. *Cross-national Survey Research: the problem of credibility*. In: VALLIER, Ivan (ed.). *Comparative Methods in Sociology: essays on trends and applications*. Berkeley: University of California Press, 1973.

WARNER, Stephen. *The Methodology of Marx's Comparative Analysis of Modes of Production*. In: VALLIER, Ivan (ed.). *Comparative Methods in Sociology: essays on trends and applications*. Berkeley: University of California Press, 1973.

## SÉRIE CEPPAC

### Últimos números publicados

023. MEDEIROS, Rodrigo Augusto Lima de. "Delineando um quadro para pensar discursos geopolíticos ambientais para a Amazônia: internacionalização, nacionalismos e governanças globais no Brasil e nos EUA". Série Ceppac, 2009, 36p. [PDF]
024. BAINES, Stephen. "Antropologia e Indigenismo no Brasil e no Quebec: uma perspectiva comparativa". Série Ceppac, 2009, 15p.
025. VIEIRA, Márcia Guedes & PINTO, Simone Rodrigues. "Reflexões acerca do multiculturalismo e dos direitos humanos". Série Ceppac, 2009, 16p.
026. MENDONÇA, Carla. "Impactos de processos de integração em zonas de fronteira: O crescimento dos fluxos comerciais e o desenvolvimento em cidades-gêmeas do Mercosul". Série Ceppac, 2009, 32p.
027. SILVA, Cristhian Teófilo da. "Interculturalidade tutelada: Experiências indigenistas com a educação indígena no Brasil". Série Ceppac, 2009, 13p.
028. LAMONTAGNE, Annie & FARIAS, Márcia. "Crime e costume na sociedade selvagem: Entrevista com Malinowski". Série Ceppac, 2009, 12p.
029. SILVA, Cristhian Teófilo da. Unrecognized Indians and the Politics of Nonrecognition in Brazil. Série Ceppac, 2010, 16p.
030. PENNA, Camila. Utilização da abordagem comparativa para análise de movimentos sociais no Brasil e no México. Série Ceppac, 2010, 11p.
031. PINTO, Simone Rodrigues. Transitional Justice: memory and reconciliation challenges. Série Ceppac, 2010, 19p.
032. BARROS, Flávia Lessa de & SILVA, Cristhian Teófilo da (orgs.) ROCHA, Alexandre Pereira da & LAMONTAGNE, Annie & MELO, Cristovão de & RUANO IBARRA, Elizabeth del Socorro & BAGGIA, Francesca. Estudos Comparados nas Ciências Sociais - Resenhas, 2011, 71p.
033. SIMONI, Mariana Yokoya. Legado em Desenvolvimento: O pensamento desenvolvimentista na política econômica brasileira Série Ceppac, 2011, 20p.
034. BARROS, Flávia Lessa de. A Sociologia latino-americana entre os desafios da descolonização planetária e a reconstrução da utopia democrática - Uma reflexão a partir da ALAS, 2011, 24p.

## Instruções para os autores

Para tornar mais eficiente o preparo de cada número da série, toda e qualquer matéria destinada à publicação deve ser enviada ao Editor da Série Ceppac por meio eletrônico (arquivo .doc). As margens do texto deverão ser espaçadas (esquerda 3cm, direita 3cm, superior 2cm e inferior 2cm), espaço entre linhas “simples”, fonte “Times New Roman”, tamanho 12. O texto deverá ser entregue com alinhamento à “esquerda”.

As citações com mais de quatro linhas devem ser destacadas do texto normal em um novo parágrafo e manter o espaço entre linhas “simples”. As notas de rodapé deverão ser breves e excluir simples referências bibliográficas; estas deverão ser incluídas no texto principal entre parêntesis, limitando-se ao sobrenome do autor, ano e páginas, por exemplo: (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998: 09). A referência bibliográfica completa deverá ser indicada na BIBLIOGRAFIA, conforme o seguinte modelo:

### Livro

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 1998.

### Capítulo de livro

LÓPEZ, Claudia Leonor. Processos de formación de fronteras en la región del Alto Amazonas/Solimões: La historia de las relaciones interétnicas de los Ticuna. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto & BAINES, Stephen G. (orgs.) Nacionalidade e etnicidade em fronteiras. Coleção Américas. Brasília: Editora UnB, 2005, pp. 55-83.

### Artigo científico

CRESPO, Carolina. Del ocaso del pasado a la reliquia del presente: Una trayectoria de vida alrededor del arte rupestre em Patagonia argentina. Campos – Revista de Antropologia Social, 06/1-2, 2005, pp. 125-137.

### Página da internet

KELLY, R. Electronic Publishing at APS: Its not just online journalism. APS News Online, Los Angeles, Nov. 1996. Disponível em: <http://www.aps.org/apsnews/196/11965.html>. Acessado em: 25 de novembro de 1998.

Deve-se evitar o uso de negritos, itálicos e sublinhados, assim como o uso de tabulações que afetem a diagramação do texto e dos parágrafos.

Os quadros, gráficos, figuras e fotos devem ser apresentados em folhas separadas, numerados e titulados corretamente, com indicação de seu lugar no texto e de forma pronta para impressão.

**Grato por sua colaboração com a Série Ceppac.**